

GUADALAJARA.

A CIDADE de Guadalajara está situada a 10 leguas de Madrid, sobre a margem esquerda do Henares. Uma ponte antiga, monumentos em ruínas, e algumas inscrições, provam que os romanos tinham fundado n'aquelle sitio uma povoação de bastante importancia. Todavia a historia d'esta cidade data verdadeiramente da conquista dos arabes, que lhe pozeram o nome de *Guadalhichara*, que é o que, com pequena corrupção, tem hoje.

Guadalajara no começo do seculo ultimo chegou a um grau de riqueza e de actividade admiraveis. O cardeal Alberoni, maravilhado de ver as lãs de superior qualidade, que a Hespanha produz em tão grande abundancia, saírem do reino por vil preço, voltando depois convertidas em magnificos pannos manufacturados no estrangeiro, resolveu subtrahir a Hespanha a este imposto pesadissimo, que assim estava pagando. Mandou vir de Hollanda alguns fabricantes experimentados, e numerosos tecelões escolhidos entre os mais habéis, e estabeleceu-os com as suas officinas nos suburbios de Aranjuez. Um anno depois, em 1719, tornou-se indispensavel tiral-os d'aquelle sitio, que tivera uma influencia fatal na saude de operarios habituados a viver em regiões frias, e foi escolhida Guadalajara pela sua salubridade. Crearam-se aqui grandes fabricas, e em pouco tempo chegaram a trabalhar na cidade mil teares.

VOL. I. — 3.^a SERIE

Em 1757 cedeu o governo hespanhol estas fabricas á corporação dos mercadores de pannos de Madrid, pelo tempo de dez annos, concedendo-lhe muitos privilegios; mas, ou por incapacidade, ou por má gerencia, o resultado d'esta operação foi desastroso.

O estado reassumiu a administração, sem que aquellas manufacturas deixassem de declinar continuamente. A invasão de 1808 deu-lhes o ultimo golpe. Em 1826 alguns especuladores estrangeiros tentaram restaurar aquellas soberbas manufacturas; mas o resultado foi a ruina de suas fortunas. Desde então têm estado inteiramente abandonadas.

Ha em Guadalajara construcções mui notaveis das quaes mencionaremos as principaes. O pantheon da casa do infantado, que contém 27 urnas sepulchraes, é digno pela sua magnificencia da attenção dos entendidos. Custou esta obra, primor da arte do 16.^o seculo, 1.800.707 reales de velon, ou réis 81.031\$830 da nossa moeda.

Mas o monumento de Guadalajara mais curioso e todos os respeitoos é o celebre palacio da casa dos duques do infantado.

Segundo alguns eruditos este palacio foi construido pelo cardeal Mendoza, da casa do infantado, que nasceu e morreu em Guadalajara. O estylo geral do edificio parece justificar esta opinião. A fachada apres-

OUTUBRO 23, 1852.

senta um desenvolvimento consideravel; e podem ainda distinguir-se na ornamentação vestígios das tradições feudaes; a galeria que corôa o edificio é cortada em ameias destinadas á defesa; as duas torri-nhas, que acompanham o portal, figuram as torres que outr'ora se edificavam á entrada das fortalezas para a defender. São estes os caracteres preciosos que marcam perfeitamente a transição da architectura da meia idade para a da renascença.

No interior, o palacio soffreu importantes modificações; mas o pateo, que a nossa primorosa gravura representa, é o que mais profundamente contrista os artistas. Que desagradavel effeito não produzem as columnas tão frias, tão lisas, que sustentam aquella verdadeira renda de pedra!

Admiram-se n'este palacio, soberbos tectos, repar-tidos em taboleiros, enriquecidos de pinturas e orna-tos delicados; as paredes guarnecidas de soberbos azulejos; e vastas chaminés, ricamente insculpidas.

O salão chamado a sala das *linhagens*, porque as pinturas que o ornaram representavam os braços da maior parte das familias nobres de Hespanha, é uma peça curiosissima. Occupa inteiramente um dos la-dos do edificio; mas a sua largura não corresponde ao comprimento. A chaminé colossal collocada em uma das suas extremidades é um verdadeiro prodí-gio de esculptura.

Hoje esta sala serve de deposito de antigos mo-veis, e está coberta de pó e de téas de arauha.

Conta Guadalajara 6,736 habitantes apenas, com quanto seja capital da provincia do seu nome, e por consequencia onde residem as respectivas auctorida-des.

Os edificios das antigas fabricas foram cedidos ao corpo de engenheiros. No primeiro está a academia do mesmo corpo, e quartel espaçoso para parte da força do regimento. No segundo projecta-se fazer ac-commodações para o resto do regimento, e construiu-se um quartel, com o nome de Santa Izabel, para serviço das tropas que por ali transitarem.

POETAS DA ARCADIA.

PEDRO ANTONIO CORRÊA GARÇÃO.

No *Menalo* — *Coŕydon Erimanthéo*.

II.

QUANDO a Arcadia se fundou as letras portuguezas tocavam o ultimo periodo da sua idade de ferro. Verso e prosa, decaindo da graça viril, e da casti-gada abundancia, tão estimadas dos bons auctores, serviam de méro pretexto a talentos pueris para sab-batinas pedantescas de trocadilhos e conceitos, de que a *Phenix Renascida* nos conserva curiosos exem-plares.

Abram ao acaso essa collecção volumosa, corram algumas paginas, e julguem depois se a lingua que ali se escreve foi a lingua de Ferreira, Camões e Sá de Miranda; ou se era o portuguez de Vieira e D. Francisco Manoel. Digam se as poesias, que se enredam, desfeiam e retorcem nos gongoricos *Labe-rinthos*, nos presumidos *Aerosticos*, e nas *Silvas* en-venenadas com a quinta essencia da affectação, re-cordam ao menos sequer a casta Musa, que tanto honrou os tempos classicos do Parnaso Lusitano!

Pois o livro é o retrato da civilisação litteraria! A esta baixesa e descompostura, descendo degrau em degrau, a trouxera a preversão do gosto e a estul-

ta imitação de uma escola bastarda e falsa, que tan-tos annos dominou a arte e tão grandes estragos dei-xou atrás de si. Desde que Marino introduziu em França a lepra das imagens bombasticas, e da ob-scuidade emphatica, e que D. Luiz Gongora (o di-vino) lhe abriu as portas da Hespanha, tudo decli-nou. Sé a renascença grega e romana nos tinha suf-focado os primeiros ensaios da poesia nacional; esta segunda e funesta invasão, varejando flores e fructos, creou uma seita de rimadores insulsos, jurados ini-migos da verdade, servís aduladores das invenções dos Euphoistas.

O contagio propagou-se depressa; e appareceram logo, como symptomas da corrupção, essas innumera-veis Academias, palestras patentes á ociosidade ver-sificatoria dos vates sem Minerva; era d'estes pulpi-tos rhetoricos que elles frechavam sem dó a arte, os modélos do bello antigo, e até a razão e o juizo. Re-nasciam umas das outras, e no seu zêlo deploravel não esgotaram só o ridiculo na escolha dos assumptos, apuraram-no tambem na turgida linguagem, com que ainda em cima completaram a obra, assassinando-os. Houve-as de todas as datas e invocações; e algumas ciosas da gloria posthuma nem se esqueceram de re-commendar a sua desgraçada memoria, dando as hon-ras da estampa ás indigestas composições, aonde a inchação forceja, entumecendo-se, por chegar á altu-ra do sublime, e ás dimensões do bello! Diniz, zom-bando, queria que a patria de taes monstros fosse o *paiz das bagatellas*. Ainda era humano; mereciam menos.

Façamos um rapido inventario d'estes seminarios dignos da veia satyrica de Quevedo Villegas. Exis-tiu a Academia das *Conferencias Eruditas*, erecta em 1696 na livraria do quarto conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes; a dos *Singularcs de Lisboa* creada, ao que parece, antes de 1692; a dos *Instantaneos*, no paço do Bispo do Porto; a dos *Generosos*, restaurada em 1624 pelo Trinchante de el-rei D. Pedro II; a dos *Eruditos*, a dos *Applica-dos*, a dos *Anonymos*, celebre pela *Arte dos Conceitos* primor do genero, e filha dilecta da prosa alambica-da do seu Apollo o doutor Leitão Ferreira; a dos *Humildes e Ignorantes* e outras ainda, que ou se eclipsaram esquecidas, ou trabalharam por captar a posteridade, que não quiz vêr n'ellas com justiça se-não a ironia do gosto e a corrupção das letras.

A Academia de Historia, criação do sr. D. João V em 1720, em virtude do plano do Theatino D. Ma-noel Caetano de Sousa, e graças aos varões com que se formou, destingue-se, é preciso dizel-o, da plebe dos amotinadores de glosas e colcheias. Muitas das obras que nos legou são credoras de louvor em rela-ção á epocha; e se a critica tem bastante que notar nos escriptos dos academicos; se a recente escola his-torica pôde sorrir-se das idéas e da credulidade, que respiram alguns dos livros, á verdade cumpre igual-mente acrescentar, mesmo depois de rigoroso exame, que os principaes trabalhos, (collecção de Memorias de 1721 — 1734) não envergonham o seu seculo, an-tes exaltam a erudição dos sabios, a quem se de-vem.

Entretanto a esphera de acção da Academia de Historia foi limitada desde o começo, e a influencia que exerceu ainda mais. Os zelosos escriptores desa-tavam as dissertações n'aquelles periodos cheios de pompa asiatica, ouriçados de citações e de reminis-cencias latinas, e abundantes nos macigos de phrases, que tornam medianamente deleitavel o seu estylo para o vulgo dos leitores. Habitavam na região quasi inacessivel dos estudos eruditos, e se ás vezes baixavam á terra era para lerem a D. João V, e á familia real,

na sala da Gallé, em conferencia aulica, algum dos apparatusos elogios, em que foi primoroso o Marquez de Valença, colosso de eloquencia apologetica, a quem tocou a missão voluntaria de censurar o Cid de Corneille, réu de lesa-poetica, segundo as ordenações de Aristoteles!

Os poemas volantes, os sonetos, as decimas, as espinellas e similhantes futilidades, estavam muito abaixo do lavor scientifico dos sacerdotes da Historia para lhes concederem um momento. Se algum poetava, se adoecia da enfermidade commum, distrahiase em linhas desiguaes, e fazendo pouco apreço da obra chamava-lhe recreio fugitivo! Como haviam de familiarisar-se com os metros a não ser em epopeias, ou em vãos lyricos, (e para isso era curta a sua respiração) homens enlaçados na doce intimidade dos heroes de Homero, e dos patriarchas da latinidade, que sem descanso queriam fazer paes e fundadores de Ulysea?

Assim, em quanto Barbosa Machado edificava laboriosamente o seu vasto archivo da litteratura patria, as rãs do Parnaso, impunes e audazes, saíam dos viveiros das Academias, e vinham coaxar para o sol enxames de versos chilros, travando soporíferas polemicas, ou adormecendo em requiebro infantis, tudo diluído nas paginas da sua prosa miseravel.

Os Costas Corrêas nos *Singulares de Lisboa*, entre uma nuvem de trocadilhos, saudavam os Pimentes, e louvando obscuros destichos, exclamavam com seriedade:

Vendo, oh raro Pimentel,
Virgilio que a tua alteza
Humilhou sua grandeza,
Te poz aos pés o laurel!

Os Serrões de Castro faziam romances, que principiam:

Com um cajado, senhores,
Dous coelhos mato agora,
Satisfazendo um Romance
A assumpto de prosa e verso.

Em fim o padre prior de S. Lourenço de Lisboa, o doutor Francisco de Castro, perseguia uma infeliz Narcisa em versos peiores que vespas, declamando de dentro da sua loba:

Oppoz-se o sol á belleza
De Narcisa (alma do prado)
Elle nos raios fiado,
Fiada ella na dureza;
Cupido, que n'esta empresa
Viu Narcisa, reforçou
Seu peito, com que mostrou
Que Narcisa defendia,
E com o mesmo sol queria
Quebrar, como em fim quebrou!

Que mais é preciso para se fazer uma idéa exacta, quando por outro lado está patente o corpo de delicto na *Phenix Renascida*, nos incriveis *Christács d'Alma*, e no *Alivio de Tristes*? O que succedia nos *Singulares* era com leves alterações o que passava nos *Humildes e Ignorantes*, e nos *Anonymos*; a differença consistia só em ser a prosa a sua lingua, e o pedantismo a sua feição. Os tratados de philosophia e de erudição das fataes collecções, que nos transmitiram, não são menos ferteis em papoulas do que os metros assassinos do prior de S. Lourenço, que Deus tem!

E os Pimentes e os Costas Corrêas da prosa não incommodam menos do que os laureados d'Apollo!

Tudo vem do mesmo cacho, e nasce da mesma vide!

Para apreciarmos a que ponto a corrupção tinha chegado, para avaliarmos o desprezo da razão e dos bons modelos, é preciso examinar a collecção dos poetas do sr. D. João V, conservada na Bibliotheca da Ajuda em volumes manuscriptos; lendo-a ha de pasmar-se do divorcio quasi completo d'aquelles vibradores de rimas, d'aquelles engenheiros de puerilidades com o verdadeiro gosto, com a imaginação cultivada, e com o instincto do mediocre, não dizemos já do bom. Tirando poucos poemas (curtos) do doutor Caetano José da Silva Sotto Maior, por antonomasia o *Camões do Rocio*; e bastantes versos fugitivos e satyricos, que uma veia facil e natural inspirava em assumptos criticos a Thomaz Pinto Brandão, comicamente denominado o *Pinto Renascido*. (grande freguez do bolsinho particular do sr. D. João V, antes de devoto, e do secretario de estado Diogo de Mendonça Côrte Real,) o resto, com motivo, e salvas rarissimas excepções, serviria de ludibrio a uma aula de ensino secundario, e de opprobrio ao proprio José Daniel, o vate menos escrupuloso na qualidade do Pegaso, em que rastejavam os vãos da sua mais que modesta musa!

A arte dramatica não tinha escapado tambem. Os padres da Companhia de Jesus recreavam os seus amigos, convidando-os para assistirem aos autos grammaticaes, ás vezes latinos, em que os discipulos dos collegios de Santo Ignacio figuravam de Gerundios e Supinos, chegando á extravagancia ao auge das Figuras da Dicção dançarem minuets umas com as outras, segundo conta um satyrico da epocha! Nos theatros, a Opera Italiana principiava a introduzir-se, attrahindo a côrte e a fidalguia. A devota casa do Hospital de Todos os Santos dava a comedia hespanhola e a farga de chocarrices, entremeiadas de arias e córos, em virtude do seu privilegio, concedido no reinado de Philippe II de Castella, e o repertorio era já avultadissimo, quando fr. Lucas de Santa Catharina e Thomaz Pinto Brandão, parodiando os enredos inverosimeis, e escarnecendo os dialogos rebombantes das peças mais em voga, tocaram ao primeiro rebate, e romperam a guerra, que o Garção depois, e Manoel de Figueiredo na sua cauda, declararam á Thalia vagabunda, idolo dos Saramagos e Perrexis tão festejados pelo applauso publico.

Os dramas de fr. Lucas de Santa Catharina, que só lemos manuscriptos, intitulam-se: *Amor sem pés nem cabeça*, comedia famosa; e os *Amantes de Espicha*, fabula jocosa em que entram, garganteando duetos e cavatinas, Priamo rei de Troya, Tisbe, Diana caçadora, Cupido frecheiro, e varios deuses e heroes! A farga de Thomaz Pinto reduz-se a uma satyra contra os irmãos do hospital, por delinearem despedir a companhia hespanhola, na fé que de Valença vinha o Garcez com outra mais vistosa. É insignificante como composição; porém offerece grande interesse nas frequentes allusões aos titulos das comedias, que n'aquelle tempo estavam mais em scena, e vê-se por ella, que o repertorio incluia muitas obras de Lope da Vega, Calderon, e Tirso de Molina. Para não omittir um rasgo caracteristico ajuntaremos, que os amadores da opera do sr. D. João V não eram menos ardentes em ovações de prosa e verso do que os legitimos *dilettanti* dos nossos dias. Acham-se nas collecções repetidas poesias ao cantor *Moci*, e á comediante castelhana *Rosa*, que pelo que parece foi um assombro de gentileza e um enlevo de melodia. No meio de tantos triumphos alheios e de tanta obscuridade propria, quem decaía a ponto de não ser possivel declinar mais era o theatro nacional. Quasi que nem existia senão pelos

chulos entremezes de veia dissoluta, vergonha da arte e escandalo da moral. Para compensação, em logar da corôa arrancada a Gil Vicente pelos dramaticos hespanhoes, o povo tinha para se consolar os carpidos Madrigaes da nobilissima Academia das Olarias!
(Continúa.)

DUAS PALAVRAS SOBRE HOSPITAES.

V.

O PENSAMENTO centralizador que presidiu á refundição dos hospitaes do nosso paiz, effectuada desde D. João II até D. João III, seria hoje, guardadas as differenças dos tempos e das luzes em materia de beneficencia publica, perfeitamente coadunavel com a indole e precisões da sociedade actual.

Os inconvenientes e vantagens dos systemas de soccorros, que uns pertendem realisar pelo exercicio da caridade individual, outros pelas praticas da caridade legal, estão mais que discutidos e demonstrados, relativamente ás enfermidades do pobre. Para lhe alliviar ou extinguir os padecimentos que acompanham a sua miseria, quem não verá que são insufficientes os soccorros levados á sua propria morada? Quantas horas não consumiriam dous medicos, por exemplo, a visitar cem doentes, se os não tivessem reunidos em duas ou tres enfermarias contiguas?

A questão, se a pudesse haver, deveria unicamente versar sobre o numero e grandeza dos estabelecimentos. Mas esse ponto mesmo não deve reputar-se indeciso. A multiplicidade de hospitaes com poucos leitos requer pessoal numeroso, e augmenta sem utilidade as despesas de administração. Levantar asylos e hospitaes de dimensões enormes, e agglomerar ali grande numero de necessitados e enfermos, é o systema opposto, tão vicioso como o primeiro. Um contraria os principios economicos; o outro, todas as maximas e condições hygienicas, a que deve subordinar-se o serviço interno das casas de hospitalidade e tratamento dos pobres.

Quando affirmei, pois, que o pensamento centralizador, que dictou as reformas de D. João II, seria coadunavel com a indole e necessidades da nossa epocha, não quiz de nenhum modo conformar-me com a monstruosidade de certas edificações, que são sorvedouros, ao mesmo tempo, das vidas e do patrimonio das classes desgraçadas. Quiz só indicar a conveniencia de supprimir muitas confrarias, sem exceptuar algumas casas de misericordia, e de commutar a maior parte dos encargos pios, com que estão gravados improductivamente os rendimentos de quasi todos os institutos de caridade, afim de se lhes poder dar uma applicação mais conforme aos bons desejos dos instituidores. A suppressão e commutação de que trato são medidas, que, mais cedo ou mais tarde, se não d'emprehender infallivelmente, porque as reclama a sciencia (que assim se lhe pôde hoje chamar) de *bem querer e bem fazer*. A reforma, como se ella precisa, ha de levantar muitos clamores, talvez de boa fé, talvez interesseiros e apaixonados. Mas muito mais alto do que esses clamores todos, bradam os sentimentos da humanidade, os interesses legitimos do pobre e desvalido, que nos pede, pelo menos, que não fechemos os olhos por mais tempo aos abusos e dilapidações, que têm dado cabo dos estabelecimentos de caridade.

Não temos hospitaes especiaes n'algumas localidades, onde a frequente romagem de enfermos, e outras condições e circumstancias favoraveis os pedem

de ha muito. Não temos asylos e hospitaes centraes, adequada e convenientemente regulados, nas cabeças de districto administrativo, e na dos municipios mais populosos, com hospitaes e albergarias dependentes nos concelhos e povoações menos importantes. E não havemos de começar um trabalho de reformação para não desgostarmos meia duzia de devotos, que estão, desde tempo immemorial, na posse de deixarem perder todos os rendimentos que lhes entregam, ou para não fazermos a outra meia duzia de economistas onzeneiros a grave injuria de lhes tirar das garas a fazenda dos pobres!

Não desconheço que erigir e dotar os hospitaes centraes de que precisamos, é empresa para largos dias, por mais fervorosos que fossem o zêlo e a caridade do povo portuguez, e a dos nossos legisladores e governantes. Os estabelecimentos d'esta natureza são obra de seculos, porque as instituições não se improvisam: nascem, vingam, florecem e fructificam em periodos admiravelmente regulares e successivos. Mas, por isso mesmo que é este um dos grandes labores sociaes, que as gerações têm de ir legando umas ás outras, para que no seu acabamento cooperem todas, é que urge começar quanto antes.

Tenho-me alargado mais do que queria n'um incidente alheio do assumpto, que me propuz n'estas duas palavras, e que é uma rapida vista sobre a origem dos hospitaes. Vou por tanto rematar o meu escripto, resumindo as minhas idéas a este respeito.

Nas differentes phases porque têm passado aquellos institutos, desde os primeiros tempos do christianismo, distinguem-se tres periodos, que talvez poderiamos chamar: religioso, civil, administrativo.

No primeiro periodo prevalece quasi exclusivamente a caridade evangelica. Os bispos e os monges, ou são fundadores ou directores dos hospitaes e albergarias.

No segundo periodo começa a ter vulto na ordem politica, civil e religiosa a classe que chamavam *mechanica*. Alguns estatutos expressamente admitiam *gente plebea, rustica, sem letras e sem estimação*. O mestre d'officio, ou como membro d'um gremio industrial, ou como confrade de alguma irmandade, afaga na sua alma, rude mas crente, a idéa d'um hospital, em que seus irmãos de trabalho, inválidos ou enfermos possam tratar-se. É um sonho que lhe não esquece; sonho, que á porfia, todos procuram realisar. Nem se refira a outra causa o grande numero de hospitaes, que os ourives da prata, os carpinteiros, os tecelões, os hortalaos, os pescadores, e varias outras corporações tinham em Lisboa e por essas cidades e villas do reino. Se o espirito de caridade evangelica pôde n'este facto equivocar-se com o egoismo de classe, as tendencias de aquella epocha não o deixam apreciar debaixo d'outro aspecto, que não seja o da fraternidade, em que o sentimento religioso, a lei, o trabalho — e a commum desconsideração, talvez, — uniam toda a familia operaria.

No terceiro periodo apparece muito pronunciada a idéa da centralisação administrativa, ou antes a centralisação politica procura manifestar-se sob todas as fórmulas. Reduz o numero dos hospitaes e albergarias, e n'umas partes, como em França, o governo tira a direcção e administração d'estes estabelecimentos aos ecclesiasticos, porque eram desmaselados, e distrahiam os rendimentos da sua piedosa applicação; n'outras, como em Portugal, algumas vezes se procura entregar a governança e regimento d'aquellas casas aos sacerdotes, porque os seculares não se mostravam entendidos nem zelosos no manejo da fazenda dos pobres.

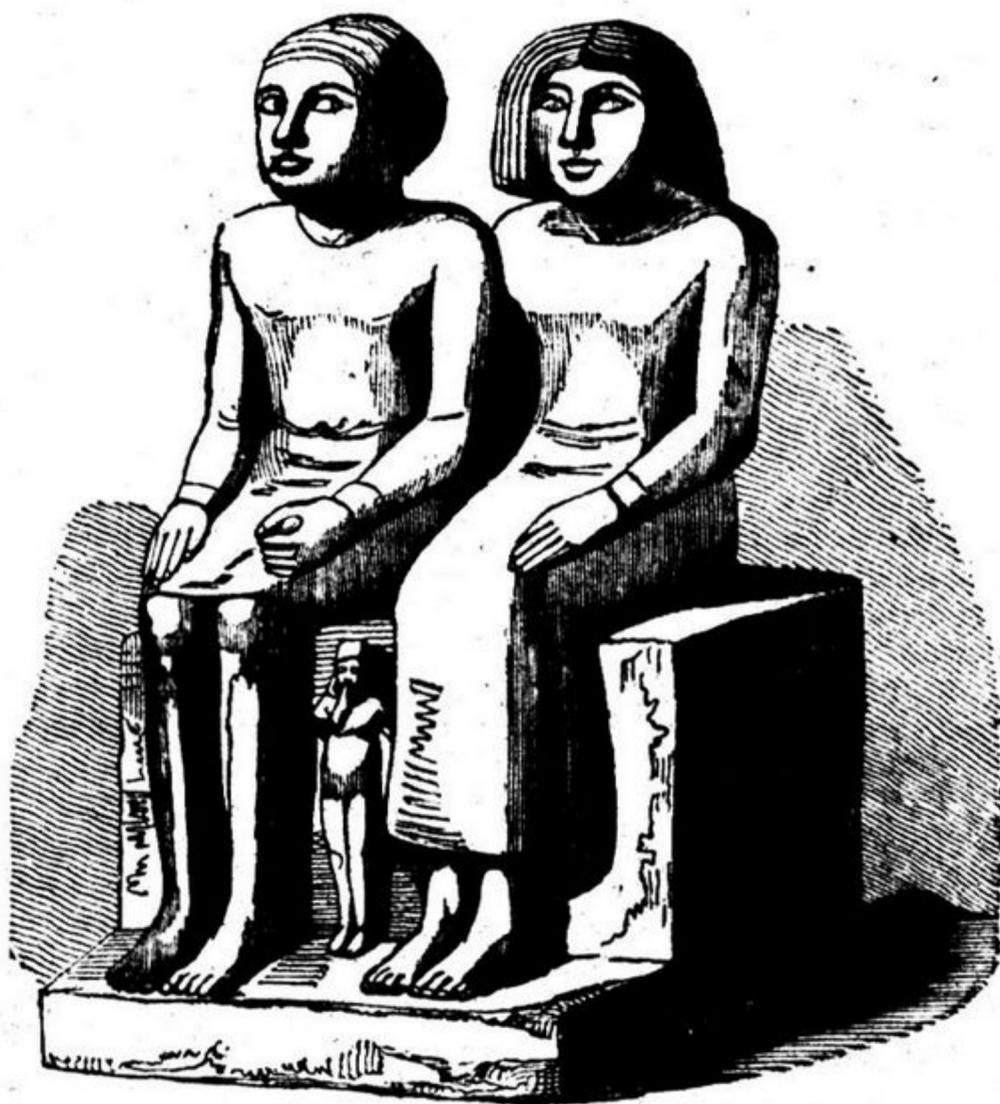
Não attribuo os hospitaes a uma causa unica ; mas na concorrência das diferentes causas, avulta sobretudo o espirito religioso. A caridade, esse sentimento, esse principio de eterna moral havia de forçosamente converter-se em institutos sociaes, viessem ou não as lepras, as pestes e outras calamidades afervorar o zelo e a piedade, que o Evangelho ensina. Foram, quando muito, meras causas particulares e occasionaes ; mas a geral, a verdadeira e efectiva causa estava na propria energia e efficacia do principio religioso e humanitario.

Ainda quando na sociedade antiga não achasse tradições que estimulassem os seus primeiros propagadores, o Evangelho fazendo os povos menos sedentarios, e mais communicativos e affectuosos, necessariamente havia de multiplicar e aviventar as diferentes relações moraes e commerciaes, que tinham de manter entre si. As casas de hospitalidade e enfermarias para recolher e tratar os pobres e peregrinos, eram e serão sempre uma necessidade logica, uma consequencia forçosa do principio christão.

A religião, que define o amor do proximo pela parábola do Samaritano, curando as feridas do viandante, que os ladrões deixaram por morto, e prestando-lhe os soccorros que o sacerdote e o levita lhe não haviam dado ; a religião que manda ao rico agazalhar e soccorrer o pobre como seu irmão ; que manda fazer o bem até áquelles que o não merecem, porque tambem o sol allumia o bom e o máu, e o orvalho do céu cae tanto sobre o justo como sobre o peccador ; a religião que prescreve ao abastado, que venda o que possui para soccorrer os pobres, prometendo-lhe um thesouro na outra vida, tinha em si mesma a virtude, o principio de actividade necessario para levantar em toda a parte, e muito principalmente em Portugal, essas casas que admiramos, e que a religiosidade de nossos antepassados nos legou, sob a denominação de *hospitaes*.

Lisboa, 20 de maio de 1852.

JOÃO MARIA NOGUEIRA.



Berço da antiga civilização, o Egypto ainda hoje assombra o viajante pela grandesa e magestade dos seus monumentos. Este paiz foi por largos seculos um enigma para a sciencia ; — as suas instituições, os seus costumes, a sua litteratura, a sua historia, finalmente, estavam cobertas de um véu impenetravel e mysterioso como as sphynxes collocadas á entrada dos seus templos. No fim do seculo passado é que se começaram serios trabalhos de investigação archeologica no Egypto — e no presente se tem publicado já pela imprensa importantes estudos sobre aquella curiosa parte do mundo antigo. Entre outros escriptos, de maior ou menor valia, podem consultar-se com proveito, porque lançam muita luz na historia, pouco conhecida, das cousas d'aquelle celebre povo, as cartas de Savary, a *Viagem á Syria* e

ao *Egypto* de Volney, a *Narração da Viagem de Th. Legh*, os trabalhos de Champollion o moço, e o relatório da grande expedição scientifica franceza. Deve tambem lêr-se ácerca do Egypto o 1.º volume da obra verdadeiramente monumental de Cesar Cantu — a *Historia Universal*, de que está saindo uma traducção portugueza.

Desde a publicação d'aquelles livros é que datam os esforços, que se tem continuado com louvavel perseverança, para colligir na Europa vastos museus de antiguidades egypcias, pondo-as ao alcance dos curiosos, que poderão assim estudar-as sem os riscos de uma excursão perigosa por meio de tribus semi-barbas.

O museu de semelhantes antiguidades, que existe em Paris, no palacio do Louvre, e que ultimamente

tem recebido consideráveis melhoramentos, assim na disposição interior, como no numero e raridade dos monumentos ali collocados, é um dos mais ricos, senão o mais rico da Europa, sem exceptuar mesmo o de Turim. E lá que, entre outras muitas preciosidades archeologicas, se vê o pequeno grupo copiado na nossa gravura, e que representa dous personagens desconhecidos, de mãos dadas, (dous esposos, talvez) como o indica tambem uma pequena figura em pé, que apresenta todos os caracteres da infancia. O homem tem a cabeça rapada, e parece ter sido pintado de vermelho. Vê-se que não são divindades, nem individuos de estirpe real, porque lhes falta o caracter essencial da distincção egypcia, a magreza; e parece que se não privavam, como os reis e os sacerdotes, da excellente agua do Nilo só pelo receio de engordar; a sua physionomia não é inteiramente desagradavel, mas um pouco ordinaria; o homem occupava provavelmente algum emprego civil. Ha outros grupos na galeria, representando tambem duas pessoas de sexo differente, já um sacerdote, e uma sacerdotiza, já um perceptor e sua mulher, ou sua irmã, consagrada ao culto de um deus. Em geral os homens eram pintados de vermelho, e as mulheres, umas vezes de amarello, e outras de cor de rosa.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

INSTRUCCÕES DADAS AO COADJUTOR DE BERGAMO, NUNCIO EM PORTUGAL NO TEMPO DE D. JOÃO III.

«**Á**CERCA do Concilio, depois d'apresentar a bulla e dizer quanto S. Santidade lhe encarregar, parece que bom seria supplicar a S. Magestade que queira inspirar aos seus letrados o que mais conveniente fôr n'estes tempos para se promover no dito Concilio o bem da igreja e da christandade, defensão da fé, e remedio das heresias, e auctoridade apostolica, que é um dos principaes argumentos dos herejes, sendo tão conjunta com o serviço dos reis christãos, especialmente de S. Alteza, e instar subito pela partida dos prelados, empenhando-se com elle para os fazer ir mais cedo.

«Mandar aos prelados a cópia authentica da bulla e escrever a todos, que costumam ser chamados ao Concilio; isto corre pelo ordinario.

«Fallando-lhe das cousas do Turco e dos perigos da christandade, e subsidio que N. S. manda, não obstante os perigos domesticos do estado ecclesiastico, parece-me que será bom lamentar com bom modo ao rei, e reprehendel-o paternalmente do accôrdo e paz feita com o Turco, n'este tempo, e sobre tudo sem communicar nada, sendo um negocio tão importante, e accrescentando (assim o diz a razão) com semelhante accôrdo o poder e o orgulho do Sultão, que ha de dizer, que desde o cabo do occidente enviam os reis á sua côrte a pedir-lhe paz e a pagar-lhe tributos; que segundo a sua natureza immana e barbara serão estas palavras as mais humanas que puder proferir; e indagar ao mesmo tempo se S. Alteza se recorda ao menos na referida paz da igreja e cousas ecclesiasticas e da Sé Apostolica, porque tudo isto concorrerá para elle (o rei) se humilhar nas demais negociações, vendo claramente que errara n'esta, tanto como na realidade errou.

«Parece ser necessario pela mesma causa, e por ser dever de S. Santidade, pedir informações do modo por que S. Alteza desamparou duas terras tão nobres, e as entregou aos infieis, estando lá bispo pela San-

ta Sé, e tendo sido tomadas aos mouros com tanta despeza, e sustentadas por seu pae, e por elle, e pelos bons christãos; não se occultando o pesar de serem desamparadas depois *inconsulto romano pontifice* contra a consideração devida para com a Sé Apostolica, e contra a lei e serviço de Deus! Affirmam pessoas praticas d'aquelle reino, que um discurso assim confundirá tanto a côrte, que nunca mais saberá onde está; e talvez se descubra então se porventura o fez por auctorisação da Penitenciaria, o que seria estranhissimo.

«Sobre o negocio do bronze e do cobre admoestalo-o para que o não torne a mandar, mostrando-lhe o grande erro passado, e o damno presente e futuro da christandade; e que vendo e sabendo isto de alguém o excommungará solemnemente; que um rei tão catholico, despresando a censura e transgredindo-a, dá aos outros pessimo exemplo, e aos bons grandissimo escandalo. E considerando a natureza d'aquella gente, o que deseja parecer, e as fraquissimas forças d'ella, julgo que tocar estes pontos com auctoridade servirá muito para a dispôr a não recusar nenhuma cousa razoavel, ou a recorrer a vagas lamentações.

«Na materia dos christãos novos, o que soube de pessoas sensatas, é que a bulla feita em favor d'elles, limitando a outra de certo modo, fôï ajustada com D. Pedro Mascarenhas, e tão discutida que não falta senão publical-a; e não creio que convenha fallar ao rei de licença ou de outra cousa; mas sim fazer-lhe perceber as causas porque se não tem feito até agora; e com toda a brevidade, sem mostrar de nenhuma fórma que se espera resposta, notifical-a ao infante D. Henrique, porque parece que n'elle está tudo, dizendo-lhe da parte de N. S., que aquella é a fórma que se ha de guardar na mencionada inquisição d'ora em diante. E a qualquer objecção que faça, responderá, que tal é o theor da bulla e a vontade de N. S. Que se S. Alteza quer sobre isso escrever a S. Santidade, elle (nuncio) não póde suspender a execução dos preceitos de S. Santidade, que são rigorosos; mas fóra d'isto está prompto a servir-o em tudo, que assim lhe é expressamente ordenado. Depois d'este officio, que eu desejaria brevissimo, e com palavras mui resolutas, porque ha de fazer assim grande impressão, deve dar-se aos christãos novos a cópia; e a quem a quizer authentica para a levar a juizo, conceder-lh'a; e não affixar annuncios nas portas das igrejas, nem apregoar a bulla, nem fazer outras demonstrações, que talvez desejassem os christãos novos, como homens muito timidos, porque ás realidades do negocio pouco importam, e ao character do rei e de seus irmãos póde prejudicar bastante; talvez suppozessem que haveria tenção de affrontar o povo; e isto não se deve fazer sem grande causa; e para os christãos novos é sufficiente o effeito, e não se proceder contra elles senão pela fórma determinada.

«Este negocio dos christãos novos diz-se que interessa muito o rei, e que tanto elle como o infante D. Henrique bem queriam que não houvesse revista nos processos; por isso, vendo elles geito de mover o nuncio, hão de tental-o: é necessario pois que este obre e falle resolutamente, e vá munido da facultade de suspender *ad tempus*, e revogar *in totum* a dita Inquisição, podendo mostrar a auctorisação a quem convenha, persuadindo os interessados de que está na sua mão abolir inteiramente o tribunal, que tanto estimam.

«Bom é que o nuncio saiba, que se diz do infante D. Luiz, que se acha muito indignado contra esta reforma da Inquisição, sendo inspirado n'isto pelo

imperador, e devendo trabalhar quanto puder em Portugal contra ella por diversas causas, entre as quaes as principaes são estas :

« 1.^a Temer que o exemplo de Portugal sirva para lhe reduzirem a Inquisição de Hespanha aos mesmos termos, como ia acontecendo no tempo do papa Leão; e para o atalhar deram-se em Napoles ao duque Alexandre aquellas rendas, porque os christãos novos de Castella promettiam e davam muito dinheiro effectivamente.

« 2.^a A segunda razão do imperador é que a Inquisição de Portugal tira aos castelhanos o refugio que tinham, quando eram maltratados em Hespanha; e ao mesmo tempo quantos fogem de Portugal, todos por um modo ou por outro caíam no poder do imperador e dos seus, e na Flandres existe grande numero d'elles, que pagam boas sommas quando se precisa.

« Por isso o nuncio saiba que ha de ser tentado por todos os meios, e deverá fallar a todos com isenção, mas sempre com reverencia: obrando assim não encontra difficuldades.

(Continúa.)

AS PROVINCIAS VASCONGADAS.

(NOTICIA HISTORICA.)

FIGURA entre os senhores de Biscaya, no ultimo quartel do seculo 12.^o e principios do seguinte, D. Diogo Lopes de Haro, chamado o *bom*, o qual chegou a romper com seu cunhado el-rei de Leão, e com o de Castella, vendo-se obrigado n'aquella lucta desigual a retirar-se a Navarra. Fizeram-se pazes entre os reis de Navarra e Aragão, e D. Diogo buscou acolheita na provincia mourisca de Valencia, de donde teve que fugir, por haver dado o seu cavallo em uma batalha ao rei de Aragão para que se salvasse.

Reconciliado com Affonso VIII de Castella e recobrando o governo que antes da sua desgraça exercera nos mais importantes pontos d'aquelle reino, mereceu que lhe fosse confiado o commando do exercito aliado dos christãos na grande batalha das Navas de Tolosa. (1) Sepultaram-se no real mosteiro de Nájera os restos deste insigne varão. A santa igreja metropolitana de Toledo honrou a sua memoria, collocando-lhe a estatua no côro, em reconhecimento das doações que á dita igreja fizera, e a ter ali posto os tropheos ganhos na batalha das Navas. Merece tambem notar-se que a cidade de Nájera, desde a morte de D. Diogo até os nossos dias, tem considerado nulla toda a eleição de junta provincial (ayuntamiento) que não seja publicada diante do seu sepulchro.

Continuou gosando em Castella das mesmas prerogativas e distincções que o mencionado D. Diogo, seu filho, e successor no senhorio, D. Lope Dias de Haro, o *cabeça brava* por antonomasia. Fez serviços da maior importancia ao santo rei D. Fernando, e falleceu em 1239. Não viveu em tão boa harmonia com o soberano de Castella D. Diogo Lopes de Haro, duodecimo senhor de Biscaya, nem deixou de ter serias desavenças com os biscaynhos, cujos fóros infringira.

Assignalou-se a Biscaya, armando a esquadra com que o almirante Ramon Bonifaz contribuiu para a rendição de Sevilha.

É mui notavel entre os senhores de Biscaya D. Lope Dias de Haro, já pelo grande poder que adquiriu, já pelo consorcio de sua filha com o infante D. João, irmão do rei, já pela tragica morte que teve, no momento em que, affrontado por uma resposta desagradavel, puxou da espada contra el-rei D. Sancho o bravo. A successão no senhorio ou condado de Biscaya começou a ser origem de discordias civis por morte do decimo quarto senhor D. Diogo Lopes de Haro. Obteve-o por força d'armas, e ajudado da vontade dos biscaynhos, outro D. Diogo, tio do ultimo; sendo pouco tempo depois despojado pelo infante D. Henrique d'aquella dignidade, que todavia no anno seguinte lhe foi restituída. Disputaram-lhe com tudo os seus direitos até a sua morte, que occorreu no sitio de Algeiras; succedeu-lhe o infante D. João, por ser casado com D. Maria Dias de Haro, que alguns auctores contam como decima sexta, e outros como decima setima, no catalogo dos senhores de Biscaya.

Sendo já viuva renunciou esta seus direitos a favor de D. João de Haro, o *torto*, que apesar de ser filho de um infante de Castella, tomou o appellido de sua mãe, D. Maria, circumstancia que prova a alta importancia dos senhores de Biscaya. Morreu D. João, assassinado com outros em um banquete, por ordem de Affonso XI, cuja tutela exercera; sua mãe reclamou a posse do senhorio, que depois vendeu á corôa.

D. João o *torto* deixára uma filha casada com o senhor de Lara, D. João Nunes, que valendo-se do seu poder e influencia conseguiu que o mesmo senhorio fosse restituído a sua mulher. As serias dissensões que sobrevieram entre D. João de Lara, e el-rei, obrigaram este a entrar por Biscaya, fazendo reconhecer a sua auctoridade nas juntas de Guernica, e tomando posse de todas as povoações e castellos, excepto do de S. João de Gastelugache, situado na costa, e de alguma outra fortaleza. Ao mesmo tempo invadira D. João alguns logares de Castella, cuja restituição foi concertada com el-rei.

Uma creança de dous annos herdou o condado de Biscaya, e como D. Pedro de Castella se declarasse inimigo da casa de Lara, perseguiu-a tenazmente. A morte d'esta creança, que, com o nome de D. Nuno de Lara, se conta como o decimo nono senhor de Biscaya, deixou os seus estados expostos aos desastres de uma guerra civil, pois que havendo casado sua irmã mais velha D. Joanna com D. Tello, irmão do rei, e a mais nova, D. Izabel, com D. João, infante de Aragão, ambos os esposos pretenderam o senhorio, fundado o primeiro nos direitos de sua esposa, e o segundo na protecção de D. Pedro.

D. Tello desbaratou completamente as tropas auxiliares que D. João commandava. Novamente entrou este por Biscaya, acompanhado do rei D. Pedro, que anciava por arranear a vida a D. Tello, que deveu a salvagão á fuga. O infante D. João, que devia conhecer perfeitamente o que se pôde esperar de um coração ambicioso, julgara que D. Pedro não tinha outro objecto em mira que o impossibilizar na dignidade a que aspirava, e com pueril sinceridade lhe pediu em Bermeo que o sentasse no solio dos senhores de Biscaya. Redarguiu-lhe o rei que só esperava que elle fosse reconhecido pela junta geral, empregando ao mesmo tempo quantos meios lhe lembraram para que na referida junta se decidisse que Biscaya não admittiria outro senhorio senão o de el-rei.

(1) Veja-se a descripção d'este importantissimo successo no bello e recente trabalho do sr. D. Modesto Lafuente — *Historia General de Espana*. — Madrid — 1851, 1852.

Conseguido o seu intento, e tendo passado a Bilbao, ordenou ao incauto infante que se apresentasse nos seus paços; mandou-o matar, determinando que o seu corpo fosse lançado á praça, e disse ao povo: «Ahi tendes esse que queria ser vosso senhor.» Foram igualmente victimas da crueldade de D. Pedro, a mãe do infeliz infante, D. Leonor, e as já mencionadas D. Izabel e D. Joanna; que não tinham outro crime, além do de serem parentas d'aquelle monstro que manchava o throno de Castella.

Soffreu Biscaya por algum tempo o jugo do feroz D. Pedro, e quando á Providencia, que nunca desampara as nações se ainda conservam algum fundo de honra, aprouve que uma desastrosa morte, seguida da publica execração, acabasse com aquella existencia funesta, recuperou D. Tello o senhorio que legitimamente tinha possuido como esposo da desgraçada D. Joanna, porém que já lhe não pertencia, por ter sido assassinada, como fica referido. Valeu-se de algumas fraudes para se apossar d'aquelle estado, e assim não é para estranhar, que o disfructasse mui pouco tempo, pois morreu antes de um anno da sua chegada. Foi jurado então (1371) sob a arvore de Guernica, o infante D. João, filho de D. Henrique II, tendo por essa occasião treze annos. Quando succedeu a seu pae, com o nome de D. João I, incorporou na corôa o senhorio, mandando que o titulo de *senhor de Biscaya* o usassem os reis, entre os mais dictados de soberania, o que assim se tem praticado até hoje.

Incorporado na corôa o senhorio continuou sendo-lhe tão leal como o havia sido aos seus primitivos senhores, distinguindo-se mui particularmente pelas esquadras que em varias occasiões armou e poz á disposição dos monarchas hespanhoes. Foi theatro o senhorio de scenas lamentaveis não poucas vezes, mui particularmente quando os conhecidos bandos Onecino e Gamboino derramaram por largos annos em todo o paiz vascongado a desolação e a morte. No principio do presente seculo foi occupado militarmente o senhorio em consequencia dos movimentos que n'elle occorrem e da valorosa resistencia que oppoz a Napoleão.

Mui gloriosos feitos de armas offerece a historia das tres provincias Vascongadas, porém são ainda mais dignas de eterna memoria as suas empresas navaes. Dedicaram-se os quipuscoanos e os biscaynhos á pesca da balêa, e era tanta a importancia que davam a este ramo de industria, que mui raro será o porto do paiz vascongado que não tenha em seus escudos de armas uma balêa. O famoso foral de S. Sebastião menciona muitos objectos de importação e exportação, e por elle se pôde formar idéa do extenso commercio que se fazia n'aquella cidade por meiodo do seculo 12.^o

O caracter activo e emprehendedor d'estes montanhezes, acostumados desde a mais tenra idade aos perigos do tempestuoso mar que banha as suas praias, e a abundancia de madeiras de construcção que offerecia o paiz, tornou-lhes facil augmentar consideravelmente o numero de seus navios, e emprehender com elles largas viagens no seculo 14.^o; o resultado d'estas foi o descubrimento da ilha e banco da Terra-Nova, a preponderancia que tiveram os vascongados nas costas occidentaes da Europa; o pingue commercio que faziam, assim nos portos da nossa peninsula, e no interior da mesma, como em os portos de França, Paizes-baixos e Inglaterra; e finalmente terem sido os que estabeleceram na cidade de Bruxellas, imporio então do commercio, a célebre bolsa da dita cidade, antecipando-se aos inglezes, venezianos, e outros povos mercantis.

O poderio dos vascongados começou a causar ciúmes á nação ingleza a quem aquelles disputavam o commercio das lãs. Declarou-se finalmente a guerra, e deu-se um combate naval em que os vascongados perderam 26 navios de alto bordo, sendo os restantes obrigados a fugir. Não foram mui felizes para os inglezes os resultados d'esta victoria, por isso que as hostilidades continuaram; e para pôr termo a uma tão exterminadora guerra, assignaram-se em Londres tréguas por vinte annos entre vascongados, francezes e inglezes, tendo-se, para este effeito, reunido n'aquella cidade os representantes das praças de Santander, Biscaya e Quipuscôa.

Continuou em maior progresso a marinha dos vascongados, e por fins do seculo 15.^o os quipuscoanos fizeram um tratado de paz com a Inglaterra, no qual, entre outras cousas, se estipulou que os navios dos vascongados não hostilizariam os dos inglezes, nem receberiam d'estes damno algum, ainda que as nações ingleza e hespanhola andassem travadas em guerra.

Muitos e mui assignalados serviços prestaram aos reis de Castella os vascongados com os seus navios. A esquadra que o almirante Bonifaz commandava por occasião do cerco de Sevilha, armou-se e equipou-se nos portos das provincias vascongadas, e dos mesmos saíram tambem grande parte dos navios que formavam a *invencivel armada* de Filippe II.

D'esta costa saíram tambem, o primeiro homem que deu a volta do mundo, (o portuguez Fernando de Magalhães,) o immortal Oquendo, e os celebres navegantes Mazarredo e Churruca.

Esta curiosa noticia, extraída do *Manual del Viajero en las Provincias Vascongadas*, obra excellente, mas, como é natural, pouco conhecida em Portugal, junta aos bellos artigos, que citámos, e foram impressos na 1.^a Serie d'este semanario, constituem um trabalho completo, e habilitarão o leitor a formar uma idéa, quando não perfeita, pelo menos sufficientemente exacta, de tão interessante parte da monarchia hespanhola.

Resta-nos declarar que as duas gravuras que se acham estampadas, nos N.^{os} 41 e 42, á frente d'este artigo, representam, a primeira tres biscaynhos de um e outro sexo, e a segunda, um camponio alavez, acompanhado de sua mulher: são ambas notaveis pela singularidade dos *costumes* que n'ellas se acham fielmente representados.

— Nos luzimentos se deixam vêr melhor as sombras; aos raios do sol se divisam os minimos argueiros; o pedernal com a mesma fâisca com que reluz mostra melhor o aspero e tosco da sua materia. Diferente prespectiva fazem as acções dos grandes nas attensões dos olhos; n'estes com as sombras se deixam melhor vêr os claros, n'aquelles com os claros se divisam melhor as sombras.

PADRE A. VIEIRA.

— Qual é pois a verdadeira sciencia das mulheres? A da moral; eis o unico estudo que lhes convem, que lhes é necessario, e pelo qual podem influir sobre a virtude dos homens.

MADAME BERNIER.

— As mulheres que bem comprehendem os direitos e deveres de mãe de familia não tem de certo que se queixar do seu destino. Se existe desigualdade entre os meios de felicidade concedidos aos dous sexos, ella é a favor das mulheres.

MADAME SIREY.